

MELLO MORAES FILHO

MYTHOS

E

POEMAS

NACIONALISMO

Les chants, les poèmes nationaux,
comme les mythologies, contribuent
aussi à retracer des affinités et des
origines.

TOPINARD. — *L'Anthropologie*.

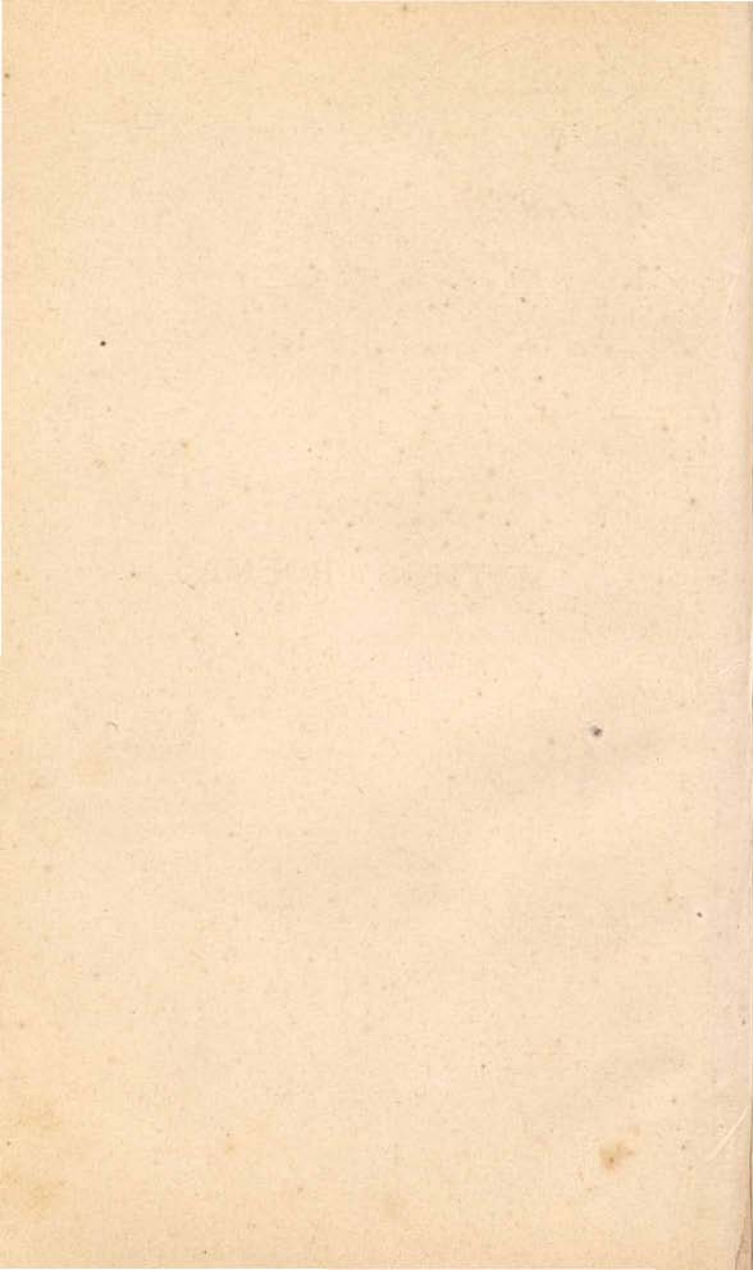
C. F.



RIO DE JANEIRO

Typographia de G. Leuzinger & Filhos

1884

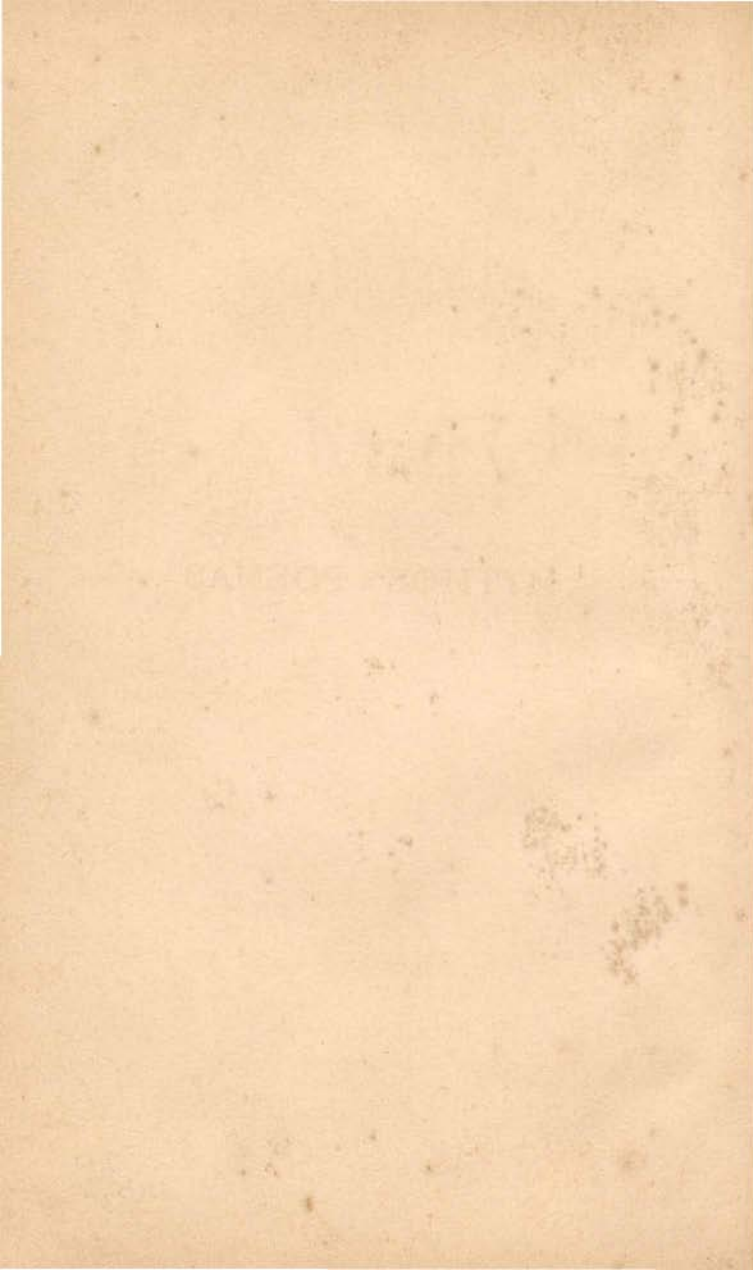


Ho ^{8^{mo}} de Dezembro
de 1870. Maria Barreto!

homenagem ao magistral
A melancolia e a veste
seu manto.

Maria Moura Filiz

MYTHOS E POEMAS



MELLO MORAES FILHO

MYTHOS
E
POEMAS

NACIONALISMO

Les chants, les poèmes nationaux,
comme les mythologies, contribuent
aussi à retracer des affinités et des
origines.

TOPINARD. — *L'Anthropologie.*



C. F.



RIO DE JANEIRO
Typographia de G. Leuzinger & Filhos

1884

A
13869.1
M827
m
1884





Aos meus amigos

C. DE LAET

MATHIAS CARVALHO

E

SYLVIO ROMÉRO





A LENDA DO ALGODÃO

CONSELHO DA REPRODUÇÃO

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume encontra-se registrado
 sob número 1013
 do ano de 1974



A LENDA DO ALGODÃO

FORMAÇÃO DA HUMANIDADE



NÃO balançava ainda entre os coqueiros
A rede da indiana,
Não havia a família, nem cabana,
Nem povos forasteiros :

Do dia os raios nas manhãs da selva
Eram soltos anneis,
Que rolando dos montes nos vergeis
Perdiam-se na relva :

Dos rios e do mar em onda clara
Mergulhava a gaivota,
Mas, nem sequer na vastidão remota
Vogava leve igára.

E veio Sacaibú, elle, o primeiro
Dos homens, quasi um deus,
Acercado dos genios — filhos seus —
E fez casa e terreiro.

Semeou o algodão, em tempo breve
A terra aos lavradores
Deu o rebento, o arbusto e mais as flôres
E fructos d'ouro e neve.

Ao gigante Prairú repudiava
O coração paterno:
Qual ser inferior, ser subalterno,
Cumpria, o pai mandava.

Uma tarde sahio... sereno o céu,
E, sob um arvoredó,
Empurrando uma pedra d'um rochedo
Preparou-lhe um mundéo.

E lhe disse: « Prairú, não vês a trilha
E pendente das ramas
Desdobrar-se a giboia — toda escamas —
Na bem feita armadilha? »

Vamos buscal-a: tu irás na frente
E pucharás o laço;
Depois... eu já estou velho, e um velho braço
Fatiga facilmente. »

E, rastejando a dextra pelo chão,
Por sobre o ventre nú,
Quando tóca o mundéo, cresce Rairú
Saltando fóra então:

Propoz a Sacaibú: « o valle, a serra,
Se arrotear tu queres,
Lá no profundo ha homens e mulheres
P'ra cultivar a terra. »

Anda comigo e volverás de novo
Sem demora, instantaneo...
Não circula um fremido subterraneo
Como de estranho povo?

Debruça-te d'aqui ; prende na borda
Do abysmo que furaste
A trança de algodão que tu trançaste
E desce pela corda ! »

.....
Voltando Sacaibú, da terra inçava
Pela corda, do fundo,
Gente capaz de povoar o mundo
Que em borbotões trepava !

E vinham tribus de diversos meios,
De um outro clima e raça :
As mulheres — pequenas e sem graça,
Os homens todos feios ;

Deformados alguns, gagos, esquivos,
Nodosos, incorrectos ;
Eram esboços rudes, incompletos
De povos primitivos.

Guindava mais e mais... e affluindo
Nos soterrados lares
Outros de fórmãs bellas, regulares,
Da terra vêm surgindo.

Os primeiros subiram: grupo válido,
Musculoso, robusto,
De modelado firme o tóro e o busto,
De um tom de bronze pallido.

Mas n'isto, a corda estala... se quebrara!
A multidão baqueia!
Eis porque causa ha tanta gente feia
Quanto a bonita é rara!





O MALHEIRO DA MALHACIA

LEITÃO DE CARVALHO

Estava a uma colina
Fazia saudades do Brasil
Um soldado que saudades
O viajor no hotel
Se ao largo singra tua igua
Se perto voga a canoa
O transeador se lembrando
Dolza o joelho na terra

Fundo misterio... (quei hã
Sonda um misterio... (quei hã
... e em se pensa
... em se pensa



O PALACIO DA MÃI D'AGUA

LENDA DO PARÁ

Existe n'uma collina,
Pelas margens do Portel,
Um encanto que surprende
O viajor no batel.
Se ao largo singra uma igára,
Se perto voga a canôa,
O remador se benzendo
Dobra o joelho na prôa.

Fundo mysterio!... Quem pôde
Sondar um mysterio... Quem?
Ao alto nem de pensal-o
Chegar inda ousou ninguem.

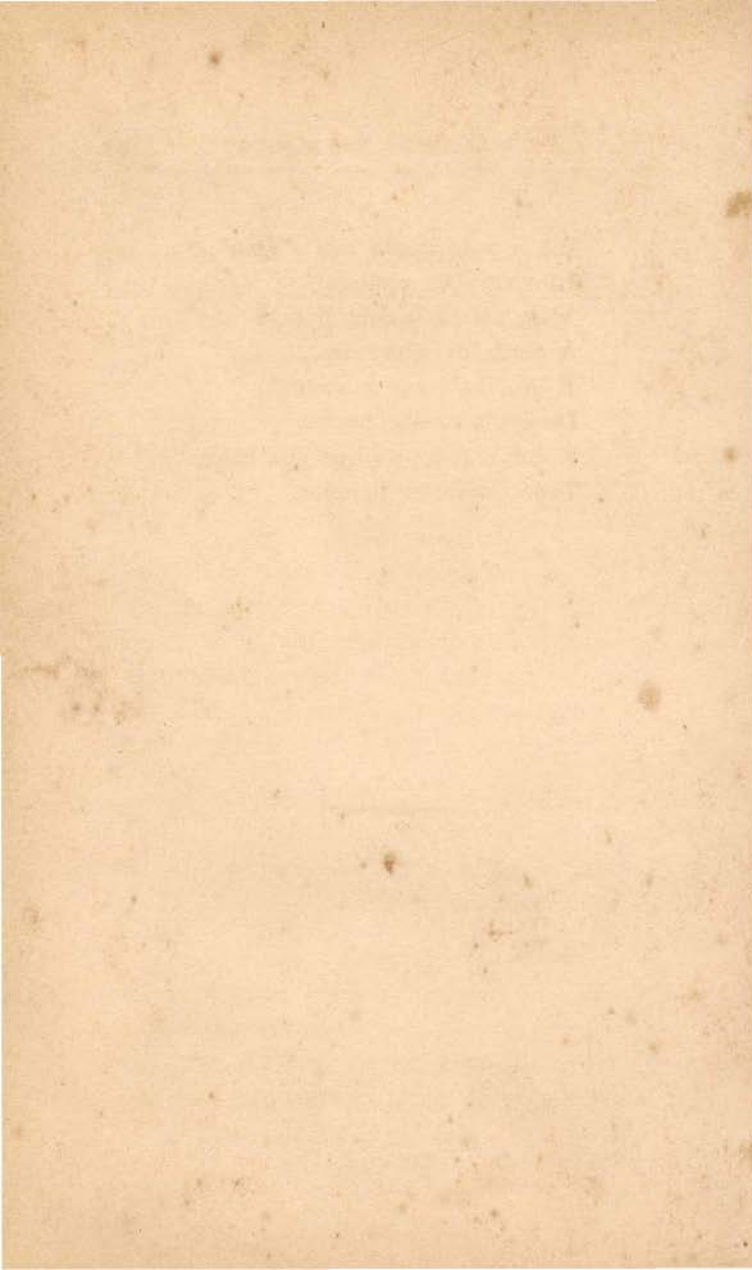
A cachoeira assombrada,
Que acima rolando medra,
Batendo o corpo no rio
Se agarra de pedra em pedra!

Ha um prestigio! — De noite,
Na correnteza fremente,
Da montanha se desdobra
Crespa esteira reflectente.
É horrendo esse lampejo
Da phosphorica luzerna!
Parece o rio um fantasma
Que errando acende a lanterna.

Desse tôpo incendiado
Ao fundo da bruma clara,
Não vê-se a chamma que alenta
O facho que o rio aclara.
As aves piam nos ares,
Sobre a vaga que transluz...
E os patos-bravos sacodem
Das azas gottas de luz!

Diz o povo que a *mãe d'agua*
Lá vive nessa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
Á borda da ribanceira...
E quando o rio se veste
Desse clarão que fascina
É que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.







A TAPÉRA DA LUA

FORMAÇÃO DA LUA

As auroras do sol e as nuvens do occidente
Encontram-n'a bem só no horizonte vago...
E pia a yerêrê na quéda da vertente,
E bebe o cangussú lambendo o morno lago.

A serra enorme é lá: — quaes negros crocodilos,
Que serpeando vão a se lançar nos rios,
Da noite á bruma fria, aos colossaes éstylos,
Semelham em tropel os pincos seus sombrios.

A serra, contemplando as equatorias zonas,
Resguarda ao seio a luz d'eterno talisman ;
Ao perlustral-a outr'ora as bravas Amazonas
Chamou-se *Taparé* — e hoje a d'Acunan.

E dous irmãos, após combate crú, renhido,
Ficaram sobre o monte — irmão e irmã — á tóa.
— Tu ficas na Tapéra, ó meu irmão querido,
Eu desço ao lar amigo, ás margens da lagôa!

Já tua rêde arnei nos castanheiros grossos :
Ao lado um arco eu puz e as flechas mais bonitas ;
De cada rama antiga, aos perennas destroços,
Virá sempre afagar-te o odor das parasitas.

Adeus, eu parto, adeus ! Té quando ? sim, té quando ?
— Té quando a noite fôr-se e despontar o dia !
— Que venha despertar-te o sonoro bando
Das aves mais gentis, rompendo a manhã fria.

E desce lentamente a india a vasta encosta,
A coma ao dôrso nú, a pallidez no rosto...
E quando o braço alonga á rêde e se recosta,
Fica-lhe em frente o sol, o sol já quasi posto.

E vinha a noite além, pelos outeiros,
Enxugando o fulgor da luz do espaço :
Na testa chata, ao longo dos madeiros,
Acolhe o reptil um brilho escasso!...
Rumor perdido de animaes matreiros
No estalar da folha, ao leve passo...
E do insecto á timida algazarra
Das rãs no charco a tetrica fanfarra.

Ella sentiu amor! Foi no momento
Em que sózinha, em meio á natureza,
Ouviu a selva segredar ao vento,
A estrella á cascata, á correnteza!
— Á Tapéra eu irei! O meu tormento
Quero afogar-te d'alma na grandeza...
Na tréva te amarei; de dia — irmã!
Avante, coração! Tupan! Tupan!

.....

Quando á rêde chegou, a branda aragem
Do sassafráz batia pelas frestas ;
Escuridão no céo, calida arfagem,
Saltos no matto das cotias lestras...

Estremecia toda... Ella, a selvagem,
Quer da mente apagar sombras funestas!
E toca a rêde... a rêde se estremece...
— Quem és?! — Susurra um beijo e a voz fallece!

E toda a noite assim na serra vasta,
— Pomba das selvas, procurava o ninho —
E ás margens puras da lagôa casta
Sempre a noite a topava em seu caminho.
— Mas quem na solidão meu fado arrasta?...
Quem tanto affecto dá-me e tal carinho?
Genio dos serros d'além mundo, azues,
Como na luz verei a tua luz?!...

Viceja o urucú e a briza afaga
Da Tapéra a extensão, prados, ruinas;
E o orvalho que chove a terra alaga
E o verde genipapo das campinas.
Delles terei a côr que não se apaga,
Com que lhe tingirei as faces finas!
Só assim saberei quem aos negros
Vai a aurora acordar com seus fulgores.

Pela terceira vez — ella — o pudor e o crime,
Sentiu o que sentira. A terra era sublime,
Bem como os ideaes do bello, a fantasia
Da natureza inteira ao primitivo dia.
O que fazer? o que? Reflecte, e olha e scisma:
A alma vê no corpo a tréva em que se abysma.
O lago se arripia. Ás aguas branqueadas
Ao através da folha estrellas desmaiadas
Como espelhar-se vão... A india se levanta,
A serraia explora e á rêde se adianta.

Elle a espera então — ella, a irmã d'outr'ora,
Que a noite faz amante — e fal-o irmão a aurora.
— Porque tardaste tanto? Os genios bemfazejos
Ciosos são de ti, de ti, desses teus beijos?...
Eu amo-te, vem cá... E presa a seus joelhos,
O labio aos labios seus esplendidos, vermelhos,
Lhe anima e o doce oval que tinge, do semblante,
Com as tintas do urucú.

A india nesse instante,
Turbada, a mão levou ao rosto e sorprendida
Notou achar-se a face um pouco humedecida.

.....

Depois que ella desceu, e os longes da manhã
Orlavam d'ouro fusco os cimos d'Acunan,
E as trombetas em flôr e os lyrios pelos valles
Entornam sobre a terra as perl'as de seu calix,
Ella, trepada a um galho, o qual, secco, projecta
A sombra sobre o azul da lagôa quieta,
Pendendo a fronte vê, do alto pendurada,
Por entre a côr do pejo, a face então manchada.

Tomando o arco rijo, o arco affeito á guerra,
Ao céo manda uma flecha: a flecha lá s'enterra.
E outra logo após, e aos lumes sideraes
Flechando vai assim — e n'uma, n'outra — mais.

E rente estando a si a oscillante vara
Por ella galga o céo, — torna-se em lua clara!

Nas fontes, desde então, e rios, pelos mares,
Das aguas no crystal, nos lagos dos palmares,
A india vem mirar-se, á noite, em seu desgosto,
A ver s'inda conserva as manchas de seu rosto.





A CAIPORA

LENDA POPULAR

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar ;
Quando alguem o encontra nas estradas,
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar !

É alma de um Tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão.

Assombro das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó ;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quasi que voando,
Suspenso n'um pé só!

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho ;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
A contas justas safa-se a correr...
Do contrario, se fica descontente,
De cocegas a gente
Faz rir até morrer.

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar ;
No norte, diz o povo convencido :
— Não indo prevenido
Não é bom viajar !





A LENDA DAS PEDRAS VERDES

MUIRAKITANS

Á vontade dormia entre as montanhas
Yacyuaruá — lago dos mythos ;
Ahi vinham cumprir as Amazonas
Da Lua os sacros ritos.

Do rio Yamundá nas fontes turgidas
Elle se prende em troncos de palmeiras ;
Nas margens — areaes onde dansavam
As mulheres guerreiras.

As aves no balanço da folhagem,
Fugindo ao sol em braza do deserto,
Iam beiral-o n'essas horas calmas
Molhando o bico aberto.

As tribus bravas, ao cahir das noites,
Animavam interminas paragens;
Ardia o breu nas lascas da *candeia*,
Nas malocas selvagens.

No pantanal silente as saracuras,
N'um pé suspensas, arrufadas, frias,
Aos fogos fatuos desatavam gritos,
Ariscas, arredias.

O lago era um fetiche, as Amazonas
O cercavam — fulgindo ao luar claro,
Quando a deusa lasciva se espelhava
Nas aguas, sem reparo.

De bailados de guerra e cantos lubricos
Saturava-se o ar que ensurdecia...
Um seio a outro seio se roçava
E tumido tremia!

Era a festa do anno : á Lua plena
Mergulhavam no lago aos talismans,
E á tona vinham da bacia d'ouro
Com seus muirakitans

De côres verdes, lucidas, sublimes,
Que a Mãi dos mythos sensual guardava :
Pedras de aspecto vário, mas ás vezes
De aspecto que excitava.

Depois, pela floresta iam perdidas
Juntar-se aos homens na volupia intensa,
E a cada amante um idolo cediam
Como que em recompensa.

E de manhã os incolas exhaustos,
No dôrso em ondas os cabellos pretos,
Tinham pendentos do scmbrio colo
Os verdes amuletos.





UYÁRAS

LENDA DO RIO NEGRO

Travesso menino,

Do fundo das aguas

Que em flocos se ameigam dos juncos ao pé,

Às vezes s'escuta na queixa do rio

Um canto macio,

De quem... não se vê.

O canto se estende ; mais doce que as moitas

Que dormem silentes ás luzes do céu.

Se acaso o barqueiro, que vai na jangada,

Lhe escuta a toada,

Meu Deus, se perdeu !

Travesso menino,

Não sabes ainda?

Alli as Uyáras se occultam reveis;

São ellas as moças que vivem cantando,

Crianças roubando...

São moças crueis!

São alvas, mais alvas que os dentes das antas,
Mais louras que a pelle das onças... são bellas!

Se alguem as descobre na molle corrente,

Lá some-se a gente,

Sumiu-se com ellas!

Em noites de lua resvalam fugaces,

Quaes nevoas douradas, nas aguas azues!

E ao colo suspenso nas ondas bem mansas

Enroscam-se as tranças

Quaes serpes de luz.

E ellas entoam cantigas tão meigas

Que o echo dos valles acorda veloz...

Mas foge, menino, de ouvires das fadas

Gentis, encantadas,

Um hymno, uma voz!

— « Eu tenho aqui mil palacios
Todos feitos de coraes,
Seus tectos são mais formosos
Que a coma dos palmeiras.
Infante que vais no monte,
Deixa o teu pouso d'alem ;
Eu sei historias bonitas...
Vem!

Quando nas cestas d'espuma
Sigo á tóa até o mar,
As princezas que morreram
Descem na luz do luar.
Jangadeiro que murmuras,
Eu sou princeza tambem ;
O rio está na vasante...
Vem!

Minhas escravas são virgens
Loucas, esveltas, morenas ;
Têm mais ternura nos olhos
Que orvalho nas açucenas.
Jangadeiro, a noite é fria,
Tem máo assombro o sertão ;
Minhas escravas são lindas...
São !

Tenho colares de per'las,
Harpas d'ouro em que descanto ;
Governo a luz das estrellas,
Pára o luar ao meu canto.
Infante, a choça é deserta,
Ninguem te espera lá não ;
Minhas historias são bellas...
São ! »

E assim ellas levam ás grutas sombrias,
Ás grutas medonhas dos rios, do mar,
Aquelles que ouviram seus cantos á noite,
Distantes do fogo querido do lar.

Ouviste, menino ? — Não corras do rancho,
Que alli as Uyáras se occultam reveis ;
São ellas as moças que vivem cantando,
Crianças roubando...
São moças crueis !





A LENDA DA ABOBORA

FORMAÇÃO DO MAR

De assalto as sombras, quaes piratas negros,
Tomam as matas asperas, bravias...
O jaguar como um arco empola o dorso,
Se estirando das patas luzidias.

Luzes de estrellas, de macias flammias,
Silenciosas brilham pallescenas ;
Gemem ventos vezanos que aos tapuyos
São oráculos dos posthumos parentes.

Aos fogos canibaes de cem fogueiras
Pendem ramas de trévas cavalgadas;
E os caboclos soturnos, nos espetos
Viram do morto as regiões tostadas.

Um rugido no ar... Jacaré torvo
Da onça o flanco fulvo chicotêa!...
Partio-lhe a cauda a féra... elle sumio-se,
Deixando um rastro de sangrenta arêa.

Aos bailos do terreiro, as feiticceiras
Se encolhem tremulas, atijando as brazas;
E grita a *alma perdida* e as aves tontas
Abrem no espaço rubro as curvas azas.

Em alarido enorme as tribus pavidas
Enchem de espanto as naturaes paragens;
Mutilações de dó... soluços... prantos,
Nos corpos nús funereas tatuagens!

De Yáia o chefe poderoso, a rêde
Na cabana lá está — selvagem horto!
As carpideiras lanham-se, e agachado
Contempla o chefe Yáia o filho morto.

Não quer vasos de terra! — as içaças
São a seus olhos miseros sarchophagos;
E rincha o *marabá*, e os ritos cumprem-se
Às dansas funeraes dos anthropophagos.

Guarnecendo a maloca, em altos postes
As cabeças das victimas fincadas;
Os pregoeiros sopram nas buzinas
P'ra traz vergando as frentes gateadas.

De quando em quando, em contracções athleticas,
Um braço armado gira subitaneo;
O captivo resiste, e ao resistil-o
A massa tomba e se estilhaça um craneo!...

Em confusa algazarra os povos incolas
Na cordilheira buscam tredo acoite;
E em torno do defunto os fachos ardem
Dos genios mãos esvasiando a noite.

*
* *

N'uma abobora desforme
Abriu-lhe o sepulchro Yáia,
Foi pertinho da cabana
Por baixo da sapucaia.

Sentou-o no seu jazigo,
Uniu-lhe ao peito os joelhos,
Com seus colares de dentes,
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas
Mortas ficaram-lhe aos pés,
A cauan que espanta as cobras,
Que lucha com as cascaveis.

De flecha e clava e membys
Cercou a mumia querida :
Para os combates da morte
Levava as armas da vida.

E de vêl-o triste, triste,
Chorando seu filho ahi,
A rola, as rolas gemiam
Nas palmas do licury.

*
* *

Desce o chefe a montanha : a visital-o
Segue á luz da manhã que além domina ;
Aqui e ali, mil troncos suarentos
E o insecto que zumbe da matina !

Do rochêdo aos degráos sobem vapores,
— Erma, vasta e fumante escadaria!...
E o abutre pellado a testa esconde
Debaixo d'aza voadora e fria!

Yáia proseguio... mas avistando
A abobora tumular d'esses caminhos,
Notou que enormes peixes se escapavam
Da planta cheia de algaças marinhos.

No terror que o agita, o caso infausto
Leva á óca dos seus, á tribu inteira!...
E as trompas soam nas quebradas longas
Suppondo augurios a nação guerreira!

Quatro meninos gemeos que attentavam
O chefe—partem, sem demora, inquietos,
Famintos, nús, zebrados, offegantes,
Á grande pescaria em seus desertos.

Reunem-se os pagés, velhos, mulheres,
De labio roto e faces taciturnas;
E emquanto uns trepam no arvoredado excelso
Outros se escapam das baixinhas furnas.

*
* *
*

Os caboclinhos viram
A abobora — e sem assombro
Ergueram-n'a contentes
Ao pequenino hombro;

Porém do centro o liquido
Pingando cahe, gotteja,
E dos milhões de poros
Mareja, sim, mareja!

E n'isso assoma Yáia
Grave, sombrio, quedo;
Elles disparam rapidos
Com indizível medo,

No chão se abrindo o fructo
Que inunda extremos lares...
D'est'agua — o mytho barbaro
Do Genesis dos mares!





A LUZ DOS AFOGADOS

LENDA POPULAR

Sobre o rio o céu profundo
Turvo, bem turvo se arquêa...
E as estrellas miudinhas
São como dourada arêa.

A saracura espantada
Sólta gritos nos mangaes ;
Reza o vento nos caniços
Pela calma dos brejaes.

N'um barco tisonado vulto
Vai de pé na correnteza ;
Ampara com a mão a vela
Que tem n'outra mão acesa.

Aladas, esguias brumas
Resvalam pelas *catingas*,
E as almas choram no côro
Das vagas d'ermas restingas.

Canoeiro, canoeiro,
Mede o abysmo a teus pés!...
São esquifes verdejantes
A boca dos jacarés !

Da canôa a leve quilha
O limo rasgando vôa...
E as ingaranas murmuram
Vendo passar a canôa.

— N'um leito pleno de horrores,
Sem uma prece, uma cruz,
Dormes, Maria! — mais longe
Irei largar esta luz...

Que os mortos no fundo
Do rio e correntes
Ensinam ás gentes
Seu corpo onde está:
A flamma parando,
Que fica boiando
 E fatua scintilla
 Tranquilla
P'ra cá e p'ra lá!

Ella afogou-se no rio,
Quem sabe se enlouqueceu?!...
Ai pobre escrava! Que sina!
Que sina que Deus lhe deu!
 Eu busco-a, entretanto;
 Assim hei de tê-la,
 Embora por vê-la
 Me custe o morrer!
 Á lua, que é nova,
 Abri-lhe uma cova
 Da vargem no seio,
 No meio
Do pranto e soffrer.

Desçamos a vela n'agua,
Mostra-me, ó luz, seu encerro!
Escravidão, tu nos roubas
Os sete palmos do enterro!!...
 Sigamos o rastro
 Do fogo da trilha,
 A taboa que brilha
 Com a luz a tremer...
 No brando arrepio
 Do dorso do rio
 Resvala e se avança,
 Balança,
 Mas sempre a correr.

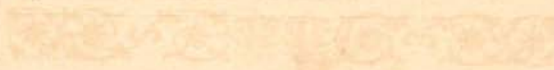
A canôa ia de manso,
O pedestal da figura,
Que sobre o peito curvava
A fronte rugosa, escura.

E ao tetrico marulho
Das aguas no remoinho,
A luz esbarra nos juncos
Que topa lá no caminho.

Ao baque d'um corpo — funebre
A superficie resôa,
Como o som d'um bando d'aguas
Que rente, bem rente vôa.

E boceja á tona o abysmo,
O sorvedouro que o traga ;
Mas a luz dos afogados
Desce, remonta... e se apaga !





THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



NOITES DO EQUADOR

Nos climas do Equador é tão tranquillã

A Noite pelos céos!

Os pés no mar, a fronte nas alturas,

E sobre os seios seus

O tremulo filó de estrellas puras!

Ao descer da montanha que se eleva,

Scismadora, idéal,

Dissereis, escondendo o colo mago,

A morena do val

Que esfria o corpo e vai banhar-se ao lago.

Das aras da savana odôres quentes
A tarde á Noite envia,
E dos morrões do sol tomando as côres
A palmeira alumia
A Noite americana em céos de amores.

E ella — nos lençóes de brancas nuvens,
Na solidão do espaço,
Se espreguiça em volupia, e mollemente
Ao estirar do braço
Mostra da coma o arco do crescente.

A floresta topando-a em seu caminho,
É mais amena e doce;
O rio, para ouvir-lhe o sonho brando,
Pendura-se na fouce
Do leve barco, ao remo se apartando...

Das plagas suavissimas
Á rêde da floresta,
A Noite toda em festa
Descendo o ar fluctúa!

E somnolenta e limpida,
Lasciva, ardente e meiga,
Rescende á flôr da veiga
E bella e toda núa...

Sonhando, assim levada
Das nuvens nos arminhos,
Alaga ermos caminhos
De transparencia e luz!
Nos céos milhões d'estrellas,
Quaes borboletas d'ouro,
Palhetam seu thesouro
Nos limbos sempre azues!

Oh! quando ella apparece
Tão fulgida e brilhante
A projectar distante
Seus traços indecisos,
A selva dá-lhe aromas,
As virações bafejos,
A terra é toda em beijos,
O céu é todo em risos!

Trepando limosas pedras
Da restinga na corôa,
O pescador amarrando
Vae as cordas da canôa.

E corre o fio e na vaga
Atira a isca e o anzol,
Á flôr d'agua sobe a espuma
Que se apaga em caracol.

Nas paragens mais remotas,
Dos indios bravos na aldêa,
Conta lendas a tapuya,
Rola a criança na arêa.

Chega da caça o caboclo,
Arma a rêde em que descança ;
Os outros, dos arvoredos,
Assistem, silvando, á dansa.

O vaqueiro enamorado
Canta as noites do sertão,
O rapaz da guia os riscos
Do tanger do boiadao.

Na porta, a gentil matuta,
No batente da cabana,
Galhofa das serenatas,
Palmeja ouvindo a tyranna.

Findou o terço, os escravos
Louvado seja o Senhor
Dizem, volvendo á senzala,
Depois que os conta o feitor.

Outros, d'afanosa lida,
Á candeia do paiol,
São os espias da noite
Que vão surprender o sol.

—

Das rochas altivas
Despenham-se vivas
As aguas... lá vêm...
Espanam-se as garças e as emas esquivas
Não vendo ninguém.

Doudeja nas balsas
Phantasticas valsas
Aos raios da luz,
O bando dos fogos que errando se exalça
Do chão dos paúes.

Nos tanques, apathicas,
As plantas aquaticas
Desbrocham... Que côres!
Parecem, pousando nas moitas selvaticas,
Subtis beija-flores!

E reza nas palmas
O côro das almas
Das tribus de então,
Que foram traídas nas guerras mais calmas,
Vencidas... oh não!

Nos ares a lua,
Na plaga que estúa,
Afunda-se e brilha:
Assim n'ardentia suspende a falúa
O bojo da quilha.

Doudeja nas balsas
Phantasticas valsas
Aos raios da luz,
O bando de fogos que errando se exalça
Do chão dos paúes.

As claras noites do Equador são moças
Que os céos buscam contentes;
As noites negras, tetricas, escuras,
Escravas que as correntes
Mostram do pulso a Deus nas desventuras.

E ellas, germinando o horror dos crimes
— Da escravidão imagem,
Passam quietas, quando o crime passa,
Ao gargalhar selvagem
Do mocho que nos craneos esvoaça

E nas trévas lá vão... lá vão fugindo
Na aridez do pranto;
Os mortos têm pavor—de seus caixões
Lhes tecem roto manto
De fatua luz e vis exalações.

As noites do Equador são as ciganas
Lendo da selva as sinas;
Si lhes empresta o sol a côr morena,
O céu as faz divinas!





TEMPESTADE DOS TROPICOS

A fronte acinzentada
Do largo firmamento
Enruga avermelhado
Fuzil ; — e rosna o Vento
Passando nas abobadas
Das seculares mattas,
Ouvindo irrequieto
O ronco das cascatas !
Parece o céo um velho...
As sombras, em novellos,
Fluctuam — longos cachos
Da barba, dos cabellos !

Erguendo a mão sinistra
Na alcova do Arrebol,
Tropeça e cahe o Tempo
Por sobre a luz do sol.

A natureza embuça-se
Nos véos da cerração :
É qual um mago o dia,
A suspender então
Por cima das florestas
E rochas alcantís
Um feixe de relampagos,
— As serpes dos fuzis,
Que remordendo as nuvens
S'escapam, cruzam, erram,
E flammejando a cauda
Na tréva o dente aferram.

A matta espavorida
Se curva aos pés do Vento :
— Missionario intrepido
Da selva, — que ao momento
Em que brame a tempesta

Assoma, e abre a sacola
Do vacuo, onde recebe
As folhas por esmola
Dos grandes vegetaes,
Do piquiá, do cedro
Dos climas tropicaes!
O monge desce abysmos,
E galga a poeirenta
Montanha, e se ajoelha
Nas aras da tormenta,
E diz: — Eu toda a noite
Meu breviario inteiro
Rezei, no chão, de bruços,
Aos lumes do Cruzeiro.
Preserve um genio amigo
Da America os destinos;
O' Tempestade impavida,
A ti darei meus hymnos!
A selva antecipando-se
A surdos descabros,
Dos ca'tus côr de opála
Aos bronzeos candelabros,
Deixei, de horror transida,
Qual Magdalena outr'ora...
E disse a Tempestade:
« Tu vens?! — Eu desço agora!»

E as cataractas rompe.

A enormidade estoura!...

O relampago audaz, soltando a grenha loura,
Lá foi brilhar além, e deslumbrando a matta
É como um pente d'ouro em fontes côm de prata!...
Das chuvas ao tropel, ao vendaval que estruge,
Assombrado o jaguar a fauce abrindo ruge,
E sobre a rocha em pé abala a selva e atrôa...
E busca a aguia o raio... e pia, e sobe, e vôa!

Ao lento fuzilar, da serrania ao viso,
Quando esvai-se o clarão, dissereis um granizo
De chammas a cahir... Depois, rumor obscuro,
É uma aranha de fogo ao firmamento escuro.

Retine a solidão, a solidão feroz...

Ribomba o raio e rola a Tempestade atroz
Pelas serras e mar... Ás tontas, na floresta,
Nem cavas naturaes á propria féra resta,
Onde asylar-se vá. Nos troncos gottejantes,
Estendidos no chão, das arvores gigantes,
A onça negra avulta e a onça mosqueada,
Que espia n'agua a luz da pupilla dourada.

Estala a selva !... Estala ao furacão tremendo
Um lenho colossal, que em arco vem descendo,
Quasi a varrer o céu ! O céu então s'inflamma
De vêr que fôra a um sec'lo o berço cada rama.

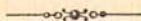
Como a saraiva são ou como grãos de areia
Os grossos pingos que, na transparente cheia,
Qual nitido sendal, dos tectos desiguaes
Pendura-se, da selva aos cantos vegetaes.

E jorra a enchente e jorra... Enormes aguaceiros,
Ao louco galopar — o pinho dos outeiros
Derrubam, que rolando aos aquilões bravios
Esbarra aqui e alli, montando os grandes rios.

Depois, corisco ao longe... um vivido lampejo
Accende-se no ar : o derradeiro arquejo
Da Tempestade, emfim. As arvores pesadas
Da chuva, na lagôa, e mudas, desgrenhadas,
De braço ao peito estão...

Horror ! Inda a borrasca
Um raio vibra á selva e um tronco eterno lasca.

E cresta, e queima, e abraza o raio que aviventa
Nas mãos da Tempestade a tocha da tormenta !





A ENDEMONINHADA

BAHIA

I

— A filha da vizinha,
A mana de Totonio,
Ha mais de nove mezes
Tem *parte* com o demonio.

A noite e os dias passa
Que causa compaixão:
Saltando — é como um bode,
Latindo — é como um cão!

Passeia, faz perguntas,
Simula, dá respostas,
Depois cahe de joelhos
Constricta, de mãos postas...

Irrita-se, pragueja,
Suspende olhar vidrado,
Que deixa lá no tecto
Ficar como pregado.

Tem bolo na garganta
E tosse, seqidão,
Os braços abre ás vezes
E resta em estação

Immovel, sem sentidos,
Com gestos desvairados;
Sorri-se... que sorriso!
Que olhos espantados!

Se alguém lhe falla em santos,
A *peste* fica muda:
Um galho de alecrim,
Um raminho de arruda,



Na furia mais horrenda
Transforma a pobrezinha,
Que rompe n'um delirio
Ouvindo a ladainha.

O que será? O que?
Quebranto?! Não, não é:
Está o qu'ella foi
Buscar no candomblé.

A mãe ficou cansada,
Dizendo o que é verdade,
De toda a sexta-feira
Mandal-a á Piedade

Benzer, surrar com varas;
E os padres nem por isso
Do corpo lhe tiraram
O demo ou o feitiço.

O povo tem razão
Da casa ter cercada:
Se quer levar á igreja
A endemoninhada?!

II

— Espie d'esta porta,
Espie lá pr'a dentro :
A cama está no fundo,
A mesa quasi ao centro
Da sala, sem cadeira,
Sem caco de mobilia ;
A vela do oratorio
Crepita, estala, brilha,
Fumando esbrazeada,
Lambendo luctulenta
O ramo de alecrim
Do copo d'agua benta.

A moça, socegada,
Não vê? Dormita agora ;
O padre está do lado,
A mãe resmunga e chora.
Não ha doutor de fama,
De fóra ou da Bahia,
Que não tratasse della :
Tomou homœopathia,
Mezinhas, lambedores,
E purgas, infusões,

Rezaram máos olhados,
Benzeu-se nos Perdões...
Porém não ha tirar-lhe,
(*Assunte* o que asseguro),
O demo que metteu-se
Lá n'ella, eu te esconjuro !

Enxerga? Se espreguiça...
Ergueu-se... cahe de chofre ;
As ventas regaçando
Fareja odôr de enxofre.
Tactêa, apalpa, agarra,
Em sonhos mil serpentes,
Corujas que esvoaçam
Em caldeirões ferventes.
Acorda, despertou-se
No desvairar sem fim...
Já viram como falla
Em grego e em latim?!

Jesus! Quanta fiducia!
Que tentação sahida!
Que cara ella apresenta
De pitomba lambida!

A mãe boceja perto
Da filha que suspira ;
O padre está de pé,
Contendo-a, nem respira.
Botou-lhe no pescoço
O relicario d'ouro...

Ouviu, sinhô Cazuzza?

— O que, yáyá?

— O estouro?!..

III

Encurva como abutre
Os pollegares heclicos ;
Estira-se, contorce-se
Nos rancos apopleticos!
Levanta a perna e subito
A lingua morde esqualida:
Uma defunta é quasi,
Fria, tranquilla e pallida!

Horrendo accesso lubrico
Se lança a ella indomito!
Agita os gluteos flaccidos,
Banha-lhe o labio um vomito!
Enverga-se invencivel,
Bate pancadas tres...
É como um arco o rachis,
Toca-lhe á nuca os pés!

Gargalha a demoniaca,
Vê esqueletos, aves
Nocturnas, negras, funebres,
Sombras sinistras, graves!
Os monstros mais satanicos
Acercam-n'a carnifices;
Blasphema, grita, ri-se
Dos infernaes pontifices!

Soletra, lê nos páramos
Phrases, legendas, disticos;
Aponta cifras frivolas
Com termos cabalisticos!
Porém a furia hysterica
Vai a deixando tragica;
Ella prantêa, queixa-se,
Quanta fadiga magica!...

IV

— Foi bom que visse o caso,
Foi bom que o caso visse :
Assim não póde um dia
Dizer: — « Fulana disse,
« Fulana foi quem vio,
« Fulana é quem contou. »
Eu cá não sei de nada ;
Só sei do meu rosario
Que rezo por meu homem,
Um velho boticario
E pardo... mas, senhor !
Acções, como elle, sim !
Chegou a ser irmão
Do Carmo e do Bomfim !
Ao nosso imperador
Vio elle pequenino ;
Fez toda a Independencia,
A guerra do Sabino...
Permitta que esta historia
Por hoje não lhe conte.
Agora, com licença,
Espie lá defronte...





A NOVENA

Rubro no occaso o sol, casa e terreiro
Da fazenda descobre,
Na fumaça das nuvens suspendido
Qual bacia de cobre.

Os *puxados* de palha então scintillam,
— Ninhos dos altos lenhos ;
O rio movê a pá inchada d'agua
Da roda dos engenhos.

A ave canta ao longe e tange o gado
O vaqueiro na frente,
O cão dispara a perseguir na matta
A novilha doente.

Forte escada se encosta a branco muro
Entre montões de arêa ;
Um balde ao lado, perto, e a luz da tarde
Se retira e escassêa.

Da montanha descendo — um povo esqualido
Ganha a estrada lisa ;
O busto sahe-lhe, descarnado e negro,
Da grosseira camisa.

Ao ulcerado hombro pende a enxada,
No pescoço a colleira ;
As campainhas tinem balançando
Na ferrea gargalheira.

Os escravos seguiam... uma escrava
Quasi que vem de rastos !
E aquece o filho que sorrindo brinca
Junto aos seus seios castos.

Vira a escada, o sol dourando o tampo,
E sonhou com a partida;
Não queria morrer! oh não se morre
Quando se deixa a vida!

Oito dias de surra não bastavam
Aos odios canibaes!
A fazenda tem leis; são nove dias;
Era um dia de mais!

A criança tomaram de seus braços,
Que foi morder o pó;
Se erguendo cambalêa, quer seguil-a...
Tão pequenina e só!

Jungida ao poste a pobre da captiva,
Regaçam dous feitores
A manga — e estiram do chicote as pontas,
Oh! que quadro de horrores!...

Gemidos abafados... pranto... sangue...
Que revoltante scena!
Rebentam chagas... Bravo! — diz um d'elles,
— São rosas da novena!

.....

Eis uma scena dos meus patrios climas,
Que infamia, meu Deus!
E é livre um paiz que reconhece
A escravidão dos seus!...





A ROMARIA DO BOM-DESPACHO

BAHIA

I

A PARTIDA

O sertão é todo em flôres,
É todo o sertão folguedo ;
Quem mette o pé nas estradas,
Quem das leguas não tem medo,
Esquece os bois nas pastagens,
O fuso, o crivo, o bicão,
O fogo, a lenda, as historias
Das noitadas do serão.

Com seu rodaque engommado,
Calça branca á domingueira,
E farfalhante, anilada,
Lenço vermelho á algibeira,
Chapéo de palha amarella,
Se retorcendo á viola,
Um tabaréo rompe a marcha
Junto do mestre d'escola.

Felizes ranchos os seguem:
É deserta a freguezia.
Onde vão? que rumo os leva?
— Vão todos em romaria!
As moças, as sertanejas,
Na dança que a senda encurta,
A perna mostram bem feita
Por baixo da saia curta.

No ar arrufa o pandeiro
Todo enfeitado de fitas,
A morena peneirando
Redondas fórmãs bonitas.
E guincha um carro de bois
Que abana o toldo de lona...
Sobre o ventre, mãos ao queixo,
Goza da festa a matrona.

A mucama, os creoulinhos,
Em volta della, na esteira,
Levam promessas, alfaias,
Levam milagres de cêra.
E ferve, referve a dansa
Na pousada, em corropio...
— Senhora, minha senhora,
Vou cantar meu desafio!

— Ha tanta flôr pelo matto,
Tanta fructinha no chão;
Cada flôr diz um sorriso,
Cada fructa um coração.

— Cada fructa um coração,
Mas, patricio, escute bem:
A fructa pertence a todos,
O coração é d'alguem.

— O coração é d'alguem?
Espere, qu'eu já discorro...
Mulata, minha mulata,
Uma umbigada qu'eu morro!

— Uma umbigada qu'eu morro...
Não me mette figa, não;
Dê-me da *branca* qu'eu mostro
O cabra como é pimpão.

— O cabra como é pimpão...
O cabra falla e não faz;
Eu tomo por testemunha
O nosso juiz de paz.

— O nosso juiz de paz,
Que faz honra á romaria...
Com as cadeiras da mulata
Que tem sua senhoria?!

— Que tem sua senhoria?...
Que não tem nada, eu bem sei.
O cantador qu'ê de fama
Faz dar gosto como eu dei.

— Faz dar gosto como eu dei,
Como eu dou nesta funcção;
Requebra, minha mulata,
Da maior veneração.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

II

SEGUINDO SEMPRE

Os romeiros se encaminham
Serra acima, serra abaixo ;
Soltam foguetes, aos vivas
Á Virgem do Bom-Despacho !..
E a multidão sertaneja,
Em seus festivos clamores,
No ar suspende, agitando,
Selvagens palmas e flôres.

Vão no carro da bagagem
Crianças, velhos, doentes ;
As senhoras mais devotas,
Pias almas penitentes.

De quando em quando, na frente
Do povo, embargando o passo,
Sobre as mãos cahe um menino
Que vai virando *bagaço*.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

III

NA ALTA DO CAMINHO

Na esplanada os romeiros,
Em cêpos, troncos, no chão,
Descansam; outros s'encostam
Aos coqueirões do sertão.
E levando a mão á frente,
Braço apoiado ao arvoredor,
O suor limpam, qu'escorre
E salta ao estalar do dedo.

O chapéo de couro, ás costas,
No rodaque de riscado,
Balança, preso á correia
Que o tem ao colo amarrado.
As sandalias, as perneiras,
Cheias do pó da jornada,
Nas ramas prendem, que descem
Quasi rentinhas da estrada.

Da trigueira o olhar tão meigo
Tem luz que incendeia e brilha;
Rescende-lhe a trança crespa
Á perfumosa baunilha.
O sertanejo de ouvil-a,
Da jaqueira á verde copa,
Nem mais alegre escutára
As campainhas da tropa!

Emquanto reina a feira,
Emquanto chora a viola,
Do centurão descem outros
A lisa faca, a pistola...
Depois — a *branca* que aquece,
Lauta mesa, e vivas, flôres;
Depois — a trova sentida,
Sentida trova de amores.

— O' trigueira dos meus olhos,
Trigueira dos olhos meus;
Os olhos d'outras trigueiras,
Não são olhos como os teus.

— Não são olhos como os teus,
Mas teu riso é que me mata,
Teus cabellos côr da noite,
Teus seios, minha mulata.

— Teus seios, minha mulata,
Teus seios não quero não;
Ha tanta cousa escondida...
Dentro de teu coração.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

IV

ESPERANDO A FESTA

A bruma azul do poente
Abate os vôos no monte:
Assim colhereira mansa
Alonga as azas na fonte.

Nas lagôas, nos banhados,
Em torno aos charcos silentes,
As *lavadeiras* bravias
Despertam gritos plangentes.

A ermida illuminada
Com seus copinhos de côres,
Era um castello de fadas
Sobre uma cesta de flôres.
No adro o padre, o sacrista,
Mandam foguetes ao ar...
Quantos romeiros na serra!...
Quantas canôas no mar!...

Vai chegando o povaréo,
Já se acampam no terreiro;
Das casas nos gruposinhos
Nenhuma sobra ao romeiro.
Entanto a festa lhes tarda!
Dos fieis a piedade
Espera a santa que volte,
De se encarnar, da cidade.

Os bailados, as cantigas,
O fandango, o sapateio,
As quadrinhas á viola,
Um namoro de permeio,
Enchem a noite de encantos,
Das fogueiras ao clarão,
Os valles da minha terra,
As terras do meu sertão.

Quem póde fugir ás dansas,
Quem fecha o peito á alegria?
Emquanto não chega a imagem,
Que tem de chegar com o dia,
Toca a banda dos matutos,
Olha o fogo a sertaneja,
Regaça o padre a batina
Sambando á porta da igreja :

— Aqui, minhas gentes,
Eu padre não sou!
Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!





A RÊDE

O céu é côr de chumbo,
Deserto é o paúl!
Nas nuvens grossas d'agua
Nem uma nesga azul!

Toucados 'stão os montes,
Altivos pincos, serra...
O ar é insalubre,
Fareja o gado a terra!

A tempestade é proxima :
Passa o fuzil distante ;
Ha lividez no espaço
Sob o negror possante.

O firmamento lugubre,
Á claridade baça,
É qual d'um globo aceso
A luz entre a fumaça.

Mas n'um casebre, ao tronco,
Alguem então morria...
O regougar dos ventos
É prece de agonia.

Trabalha, sim, trabalha,
Escravo, o pouso é certo ;
Cahe-te a enxada ao eito ?
Já tens teu fosso aberto !

A surra !... A surra aos ferros
Quanto captivo leva !
E resta um mar de sangue,
Que cobre humana tréva.

A tréva... E ella, a escrava,
No eito está de pé:
Grilhão que mais prendera
Ao mundo o vil galé.

Desce eminencia humida
A funeraria rêde:
Do panno escapa o sangue
Qual agua a um labio em sêde.

Balança a rêde e geme
Rangendo ao caibro forte...
Ao hombro de dous homens
A escravidão e a morte!!...

Mas onde, aonde levam
Esse caixão aereo?...
Silencio! Um morto passa
Sem pranto ao cemiterio.

.....

« — É meu marido !!... » O açoute
Dardeja — um corpo cahe !
E róla o trovão no espaço...
E vai a rêde... e vai...





A MULATA

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são ;
Tenho requebros mais bellos,
Si a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno :
É como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno !

Nos bicos da chinellinha,
Quem v^oa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?...
Eu sou mulata tafula ;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguém me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dança e o desafio ;
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus:
« Que tentação... que maldicta...
Bravo, mulata bonita ! »
— Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás — da janella
Me atiram cada olhadella...
Ai ! dá-se ? mortas assim !

E eu sigo mais orgulhosa,
Como si a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na frente, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa
Melhor que c'rôa gentil ;
E eu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados,
Contas d'ouro e coralinas ;
Prendo meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Se tenho um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor.
— Ai! mulata ! ai ! borboleta !
É tua sina inquieta,
Tu pousas de flôr em flôr.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente!
Na correntinha de prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão!
Um *dito* bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado,
Captivam meu coração.

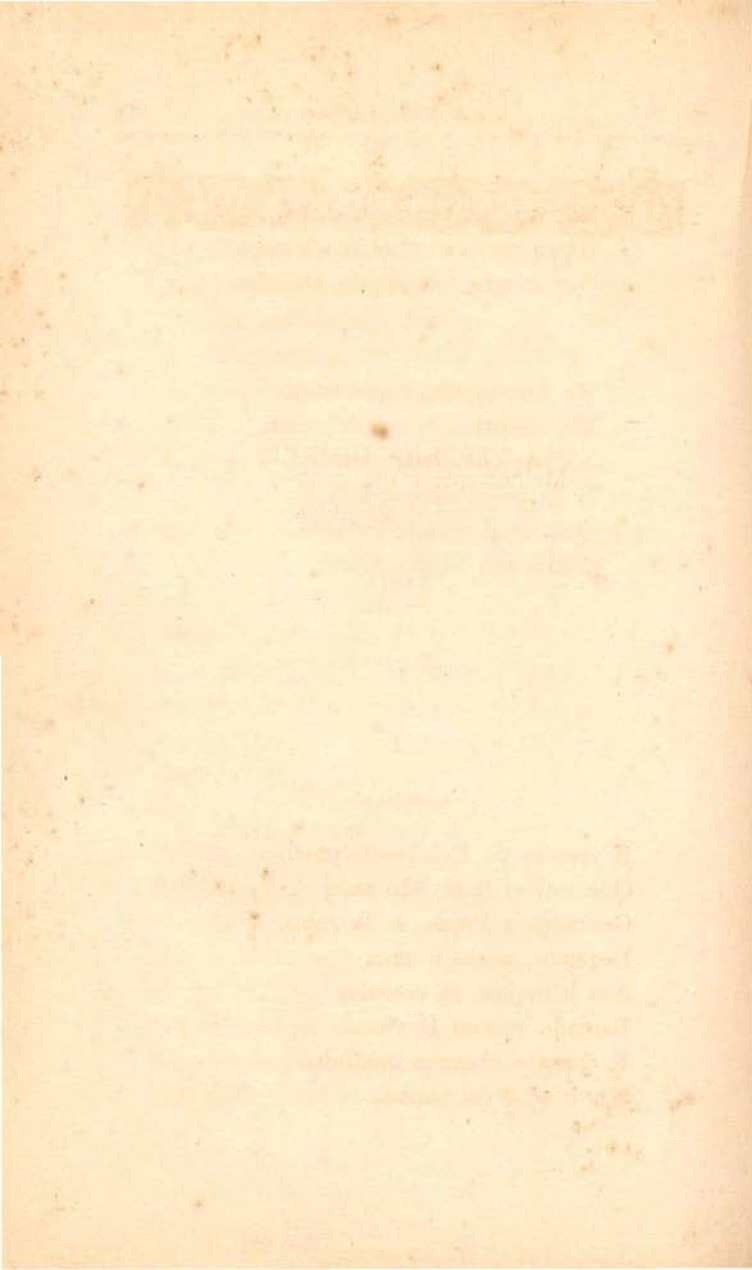
Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
Pr'a o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flôres,
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!

Escrava, na terra um dono,
Outro no céu sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim.

Na frente, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'róa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil.







A VESPERA DE REIS

BAHIA

I

É vesp'ra de Reis! — o povo,
Que estima festas tão suas,
Guarnece a Praça, o Terreiro,
Esquinas, adros e ruas.
Aos batuques, as creoulas
Batendo palmas lá vão...
E chora e chora a modinha
Nas cordas do violão.

As mulatas requebradas,
As sultanas da Bahia,
Essas musas predilectas
Da popular poesia,
A chula animam, as dansas,
Riso ao labio e alma franca,
De panno da Costa ao hombro
E troço de cassa branca.

Nos batentes das janellas,
Nas sacadas dos sobrados
Vê-se moças e meninos
Ás grades dependurados.
E na moldura de um chale
Que já não se usa agora,
De vez em quando uma velha
Bota a cabeça de fóra.

Pela muralha formada
De longinqua escuridão,
Rebenta um rio de luzes
Por onde adeja a canção.
E aos archotes que circundam
O panacum da *burrinha*,
Seguem ranchos de pastores
Aos presepes da Lapinha.

« O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Lá das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis. »

Os ranchos ornados
De fitas e flôres,
Trajando costumes
De todas as côres,
Arrufam pandeiros,
Não tardam... lá vem,
P'ra ver o Menino
Nascido em Belém.

E pucha o farrancho
Moleque traquino,
Moleque bregeiro,
Mané Pequenino.

II

« Sapo cururú
Da beira do rio,
Quanto sapo canta,
Ai maninha!
Cururú tem frio. »

Na confusão, na alegria,
Os ranchos passam. Bailando,
As castanholas prendiam
Rompentes mãos que ondulando
Mostravam, tombando em laços,
Coraes em formosos braços
Da côr do jambo ou da tréva...
Rasgando a camisa fina
Redondo seio illumina
O fogaréo que se eleva...
Como é linda a pastorinha!...
No seu chapéo de palhinha
Quantos jasmims, quantas flôres!
Que mimos! Que lentejoulas!
Que peneirar de creoulas,
Que descantar de pastores!

« Se eu soubesse que havia funcção,
Trazia mulatas de meu coração. »

III

E dos estribilhos e cantos e córos
Os ares sonoros
Saturam-se, aos fachos de vivo clarão ;

Depois, aos tinidos das langes violas,
Febris castanholas
Uns dedos morenos estalam então.

De mãos á cintura, subtil, despachada,
Mulata engraçada
Balança na chula, travessa, ligeira...
As luzes lhe beijam de leve a pontinha
Da azul chinellinha,
Quando ella levanta do chão a fieira.

Nas golas abertas de talhe furtivo,
Nas rendas de crivo,
Os seios lhe tremem no seu palpitár!
E dansam pastores as dansas incautas...
Modulam as flautas,
E os ranchos pararam, mas sempre a cantar.

« Senhora dona da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que dos céos nos 'stão cahindo
Pinguinhos d'agua de flôr. »

« Inda bem! Ha de vir:
Que somos de longe, queremos nos ir. »

IV

« Eh!... bumba!
Ora bumba meu boi!
Eh! bumba!
Ora chega p'ra frente!
Eh! bumba!
Ora espalha esta gente! »

Assim bradava o vaqueiro
Guiando o seu boi malhado ;
Tem rodaque ao peito aberto,
Largo chapéo desabado.

Pelos chifres tral-o preso,
Verga-lhe o cachaço a canga
Pelas flôres, pelo peso
Das ramagens de pitanga.

Sua vara de aguilhão
Sobe e desce e relampêa ;
Marra o boi — o povo corre,
Volve o povo — elle campêa.

Em torno, o tio Matheus,
Engrolando uma cantiga,
Varre o chão com a carapuça,
Faz tabaque da barriga.

Segue a tia Catharina
Com seu cesto na cabeça,
Que é para levar o fato
No caso que o boi falleça.

O doutor da cirurgia,
O chamado *Surgião*,
Exhibindo vai na frente
Sua lanceta na mão.

E o vaqueiro escuta as lóas
Como um rei nos seus solares,
Vús, pandeiros, bombos, pratos,
Trovas, cantos populares.

« Eh ! bumba !
Ora bumba meu boi ! »

V

O rancho do *mundo*,
Bizarro aparelho,
Dirigi-se ás bandas
Do Rio Vermelho ;
Navega a *fragata*
De accesos boeiros,
Com seus almirantes,
Com seus marinheiros.

A Caiporinha
Pula n'um pé só,
Cabocla bravia,
Tapuya sem dó.

Quem ha que de vê-la
Do matto não tema,
Com o rosto coberto
Dos véos da urupema?...

Gyrando,
Silvando,
Saltando,
Nem falla!

Na onda que cresce,
Do povo — apparece,
Depois desaparece
 Tão leve,
 Tão breve,
Com medo da gente,
Qual genio indolente
Que á noite resvala.

Ao rancho da *garça*,
Aos ranchos gentis,
Succede o *phantasma*;
Após, *cucumbis*,

Ou negros malês
Tocando canzá,
Vestidos das plumas
Do deus de Dongá.

Agitam chocalhos
O ar atroando,
Em lubrica ardencia,
Do flanco á cadencia,
Em barb'ra estridencia
De rude roncar:

O tronco estorcendo,
Os musc'los tremendo,
Com os pés vão batendo,
O corpo mexendo...
Gemendo...
A dansar!

— « A minha Caiporinha
Dansando lá vem,
Parece chamar-se
Marocas meu bem. »

— Marocas, tu chegas,
Marocas, me vou!
Marocas, me negas,
Marocas, te dou!

VI

« Eh! bumba!
Ora bumba meu boi! »

Eis quando assoma o vaqueiro
Transpondo altivo o Terreiro:
— Faça roda o povo todo,
Faça roda o povo inteiro!

Chega, meu boisinho,
Chega para frente,
Corteja este povo,
Corteja esta gente.

Viram vosmincês
Como faz mesura,
Venha já de cima
Boa molhadura.

Adoeceu meu boi,
O meu boi morreu ;
Tome d'este lenço,
Dê-lhe o que não deu.

Aqui tens, malhado,
Meu amor primeiro ;
Chega p'ra viagem,
Guarda o teu dinheiro.

Da Lapinha dista
Pouco mais o dia ;
Diz adeus ás moças,
Rasga a cortezia.

« — O meu boi é bonito?
— É bonito, sinhá!
— O meu boi tem dinheiro?
— Tem dinheiro, yáyá! »

— Ora dança, malhado!
És o boi mais damnado
Que tem meu Piahy!
Ora toca p'ra o lado!
Olha para o sobrado
Oh! meu boi Surubim!
Su!... boi! boisinho,
Baixinho...
Rentinho...
Mansinho...
Assim!

Depois arremette
Abrindo fileira,
Soando-lhe os guizos
Na rota testeira;
E o povo, sambando,
Acérca, aos magotes,
O boi que no centro
Vai dando pinotes.

E o vaqueiro escuta as lóas
Como um rei nos seus solares,
Vús, pandeiros, bombos, pratos,
Trovas, cantos populares.

« Eh! bumba!
Ora bumba meu boi! »

Colêam archotes
Nos longes escuros,
Além destacando
Mil casas e muros :
E os ranchos dispersos,
Unidos, por vez,
Encantam a noite
Da vesp'ra de Reis!

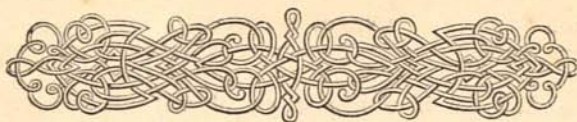
E. DELEAU

LES LÉGENDES DES INDIENS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



LES LÉGENDES DES INDIENS

Aucun sujet n'était mieux fait pour séduire la muse d'un poète, amoureux et idolâtre de la magique et grandiose nature des tropiques, que ces légendes que les tribus indiennes se répètent de père en fils, de génération en génération, et gardent religieusement comme les précieuses reliques d'un passé glorieux.

M. Mello Moraes fils, a ressuscité, pour ainsi dire, ces poétiques légendes ; sa pensée et son vers s'adaptent merveilleusement à ces sujets et il sait leur conserver ce parfum et cet arôme sauvage qui rappellent les émanations vivifiantes des grandes forêts vierges.

Il a été bien inspiré en plaçant une de ses poésies à la fin de chacune des livraisons de la *Revista da Exposição de Anthropologia*. Rien de frais comme ces vers dans leur idiome natif; malheureusement la traduction leur enlèverait tout leur parfum sylvestre et l'idylle printannière ne parviendrait au lecteur que décolorée et réduite en grisaille. Je n'essaierai donc pas de traduire le poète; je tâcherai néanmoins de conserver l'idée dans sa pureté idéale tout en la dépouillant des ornements poétiques qui lui communiquaient un charme étrange.

La légende qui suit est née sur les bords du fier Amazone; elle se nomme *A Tapera da lua* et explique la création de la lune.

Après un combat acharné entre deux tribus il ne resta sur le sommet de la haute montagne que deux êtres humains: le frère et la sœur.

— Tu resteras ici, ô mon frère bien aimé, sous ces grands arbres. Moi, je descends la montagne et vais au bord du grand lac.

J'ai déjà tendu ton hamac sous les grands châtaigniers et à coté j'ai placé ton arc et les flèches

les plus belles. Adieu, je pars. Que les parasites répandent sur toi leurs plus doux parfums et que chaque matin tu sois réveillé par le doux gazouillement des oiseaux amoureux. »

L'Indienne descendit lentement la montagne ; son visage était pâle et dans ses grands yeux brillaient une perle humide.

Cependant était venue la nuit qui allume l'étoile dans le firmament ; l'insecte timide chantait son hymne dans l'herbe mouillée et les grenouilles au bord du lac sonnaient leur fanfarre.

Elle sentit l'amour. Ce fut au moment où, seule au milieu de la nature, elle entendait le doux murmure du vent dans les arbres, semblable à des caresses. « J'irai aux chataigniers ! O mon tourment, je veux te refouler au fond de mon cœur ! Dans les ténèbres je t'aimerai ; sœur le jour, amante la nuit. En avant mon cœur ! Tupan ! Tupan ! »

Lorsqu'elle arriva près du hamac, le léger feuillage du sassafras bruissait doucement. L'obscurité était au ciel, on n'entendait dans la forêt que le bruit que faisaient en fuyant les légères quatis.

Elle était toute tremblante ; elle, la sauvage.

Elle voulut effacer de son esprit les sombres images ; elle touche le hamac et le hamac tressaille — Qui est là ? — La voix lui manque et l'on entend le murmure d'un baiser.

Et ainsi chaque nuit dans la vaste montagne, tourterelle des bois sauvages elle venait chercher son nid, et chaque matin, elle reprenait son chemin vers le lac.

— Mais quelle est la fée qui vient ainsi habiter ma solitude, et me donner tant d'amour et de caresses ? Génie des montagnes bleues, comment à la lumière verrai-je ta lumière ?

Il se souvint alors que sa mère lui avait laissé le secret d'une teinture indélébile : « Je lui teindrai les joues et ainsi je la connaîtrai lorsque l'aurore aura rallumé les feux du jour.

Pour la troisième fois, elle — la pudeur et le crime, — elle revint : La terre était sublime.

Lui l'attendait, elle, la sœur d'autrefois, que la nuit fait amante et que l'aurore refait vierge et sœur — Pourquoi as-tu tant tardé ? — Les génies bienfaisants sont jaloux de toi, de tes baisers ? Je

t'aime, viens ici — Et pris à ses genoux, ses lèvres contre ses lèvres vermeilles, il caresse le doux ovale de son visage qu'il teint avec l'urucu.

L'indienne, à cet instant, troublée, porte la main à son visage et s'aperçoit que ses joues sont humides.

Après qu'elle fut descendue et tandis que le matin mettait une bordure d'or mat sur les cimes de l'Acunan et que les lys renversaient sur la terre les perles de leur calice, elle, grimpée sur la branche d'un arbre qui surplombe le lac bleu, elle se mire entre les feuillages et voit alors qu'elle a la figure marquée.

Prenant alors son arc, son grand arc des combats, elle lance une flèche contre le ciel; la flèche s'enterre dans le bleu firmament.

Un second trait vient atteindre le premier à son extrémité et s'y implante. Et elle continue ainsi jusqu'à ce qu'attirant à elle la vacillante barre formée par les flèches ajoutées les unes aux autres, elle grimpe jusqu'au ciel — et se transforme en lune.

Depuis ce jour, dans son chagrin, l'indienne vient la nuit, se mirer mélancoliquement dans les lacs pour voir si son visage a toujours conservé ses tâches.

(*Messenger du Brésil*, 1882).



LÉGENDE INDIENNE DU NORD

De tous les genres littéraires, la poésie, parce qu'elle est libre d'allures, a toujours été le genre représentatif par excellence. C'est donc surtout la poésie d'une nation qu'il faut tout d'abord examiner pour connaître ses origines, ses croyances et ses tendances.

Si un peuple semble mériter de captiver l'attention des penseurs et des poètes, c'est le peuple indien, si admirablement personnifié par l'art avec lequel sont façonnés tous les objets que nous voyons figurer à l'Exposition d'Anthropologie.

Le Brésil est la terre de l'étonnement par excellence ; le merveilleux y est écrit dans ses immenses forêts, dont les arbres gigantesques demeurent inébranlables depuis des siècles devant la poussée

du flot humain et dont le réseau inextricable de lianes ne livre passage qu'au serpent, au tigre, au papillon et à l'indien.

On conçoit que la légende porte l'empreinte de toutes ces merveilles et que le surnaturel y occupe la plus large place.

Parmi les écrivains brésiliens de la génération présente qui nous paraissent avoir échappé à l'influence des littératures étrangères pour rester les chantres de la magique nature des tropiques, nous devons citer M. Mello Moraes qui a ressuscité dans ses poèmes la véritable légende indienne, tout en lui conservant son parfum sauvage et original.

Si jamais vous allez visiter les provinces de Pernambuco, du Ceará, des Amazones et du Pará, vous entendrez à coup sûr parler de la *Caiçora*; vous rencontrerez même bon nombre de braves gens qui vous jureront l'avoir aperçue un soir à minuit sur la lisière de la forêt vierge.

Du campement indien, la légende, en se modifiant un peu, est arrivée au village et y a pris droit de cité. Les sauvages l'appelaient *Curupira*, les indiens civilisés la nomment aujourd'hui *A Caiçora*.

C'est à cause d'elle que les habitants du nord ne laissent jamais partir le voyageur pour un loin-

tain voyage sans lui donner un peu de tabac et du feu ; les deux talismans contre ses tracasseries.

Mais laissons la parole à M. Mello Moraes ; le poète nous présente l'hôte malfaisant de la forêt comme une sorte de génie malingre, espiègle et malicieux, qui tue, en le chatouillant, le voyageur qui ne peut satisfaire à sa demande.

La Caipora est un cabocle tout petit, laid et difforme qui s'en va la nuit par les grands bois en sifflant ; lorsque un voyageur le rencontre, le soir sur les routes, escaladant les haies, il se met à l'implorer.

C'est assurément l'âme d'un *Tapuio* qui s'en va dans la forêt faire ses maléfices ; montée sur le sanglier le plus haut et le plus vaillant, une petite pipe à la main, franchissant fleuves et vallées.

Il épouvante les troupes de porcs sauvages, s'amuse à embarrasser les onces dans les mailles d'un réseau de lianes, et, comme s'il volait, saute de montagne en montagne, ne se reposant que sur un pied.

Il surprend le voyageur, l'aborde au détou

d'un chemin et lui demande du tabac et du feu, tout en lui montrant sa petite pipe noire.

Si le voyageur lui donne ce qu'il demande, il s'éloigne aussitôt et reprend sa course vagabonde ; dans le cas contraire, il se montre irrité et se met alors à faire rire les gens en les chatouillant, jusqu'à ce qu'ils meurent.

C'est un bien laid petit cabocle qui s'en va ainsi sifflant la nuit dans la profondeur des grands bois sombres. Dans les provinces du Nord, le crédule habitant vous dit « Ne partez pas sans vous être muni, car sans cela, il ne fait pas bon voyager. »

(Messager du Brésil, 1882.)



NOTAS

A LENDA DO ALGODÃO

Esta lenda, da qual conhecemos outra versão, pertence á mythologia dos Menuderucás, tribu populosa e guerreira, que se estendia por todo o territorio entre o rio Medeira e Tapajós, na provincia do Pará e Matto-Grosso.

Actualmente disimada, tem conservado, não obstante perseguições seculares, as suas tradições religiosas, seus processos mumificatorios, suas tatuagens riquissimas e suas festas nacionaes.

A versão de que nos servimos é a de Agassis. (Vid. *Journerey in Brazil*).

A LENDA DAS PEDRAS VERDES

No *Rio Yamundá* do nosso amigo o celebre botanico e indianista Barbosa Rodrigues, lê-se :

« Dizem que nas fontes do rio Yamundá ha um formoso lago denominado Yacyuaruá, consagrado á lua pelas Amazonas. Em certa phase d'esta,

em uma época marcada do anno, reuniam-se as Amazonas em torno do lago e faziam uma festa á lua e á mãe dos muirákitans, que no fundo do mesmo habitava. Dias depois de continua festa de expiação, quando o lago apresentava sua face lisa e sem ondas, e a lua n'elle reflectia-se, atiravam-se n'agua as Amazonas, e no fundo, da mão da mãe dos muirákitans, recebiam as pedras com as configurações que desejavam, então molles, porém endurecendo logo que saham d'agua. Essas pedras eram depois mimoseadas aos homens com quem as Amazonas se relacionavam. »

Os Uabôys referem a mesma fabula com outros detalhes. (Vid. Barbosa Rodrigues, *Exploração e estudos do Valle do Amazonas.*)

A LENDA DA ABOBORA

Pietro Martiri, no seu *Sommario dell' Indie Occidentali*, é quem dá noticia d'esse mytho americano — sem determinar entretanto o povo de que deriva.

Em todo o caso é uma cosmogonia aquatica que nos parece original, pois não conhecemos outra de semelhanças evidentes.

E grita a alma perdida... Pag. 34.

A *alma perdida* é um passaro que faz parte da mythologia dos indios do Alto Amazonas.

De genios mãos esvasiando a noite. Pag. 35.

Acredita a pluralidade das tribus indianas que as resinas e archotes accesos em torno do cadaver afugentam os espiritos maleficos.

E rincha o marabá, e os ritos cumprem-se
Ás dansas funeraes dos anthropophagos. Pag. 35.

O *marabá* era o filho do prisioneiro de guerra que tinha fatalmente de seguir o destino de seu pai, isto é, de ser devorado em dia de festa ou de pompas lustraes.

Baseando a cerimonia funebre que precede á lenda no dizer dos mais antigos missionarios e chronistas, era indispensavel a presença d'esse personagem que atravessava o ultimo dia da vida, não como phantasia Gonçalves Dias — a transbordar de declamações cavalheirescas e orgulhoso de sua genealogia — porém *rinchando de alegria*, por isso que ia ter por sepultura estomagos humanos.

E nem outra cousa se encontra em Balthazar Telles, Simão de Vasconcellos, Leiry, Fernão Cardim, Anchieta, Gabriel Soares, João Daniel e André de Barros, o que nos leva a suppor que, o chefe da escola indianista, no *Y-Juca-Pyrama* e nas suas poesias selvagens, sacrificou ao effeito de suas delicadissimas concepções a verdade, embora ligeiramente observada por aquelles que conviveram com as nossas tribus primitivas.

O Sr. Dr. Eunapio Deiró, cuja competencia e vastissima erudição não é permittido a ninguem pôr em duvida, em um luminoso trabalho que prefaciaria dignamente a historia da litteratura brasileira, excluido que fosse o nosso nome, em relação a Gonçalves Dias, como poeta nacional, assim se pronuncia:

« Gonçalves Dias é o poeta menos nacional que temos; sua inspiração desabrocha da philosophia do seculo; sua musa é ora germanica ora aquecida ao calor do genio de Espronceda ou de Alf. de Musset.

« Não é este espirito — devorado das dores da civilização — que póde exprimir as impetuosas tempestades, que rebramiam no seio das raças selvagens e ferozes, primitivas habitadoras do solo brasileiro. Nesse ponto faltou á sua missão.

« O indio, que canta nos versos de G. Dias,

modula a mesma nota e toada, que a donzella de olhos negros, travessa nos bailes e nos salões ; que o trovador das cruzadas, e o frei Antão em suas primorosas e cinzeladas sextilhas.

« É sempre a corda da dôr, sempre o abatimento das forças da vida, sempre a Alcione lamentosa na solidão melancolica dos mares.

« O tupy e os tymbiras de G. Dias são selvagens, que sentem, pensam e fallam com as emoções, idéas e phrases do homem civilisado. Elles nem siquer nos illudem!... » (*Revista Brasileira* — 1881.)

Citando o pensamento do illustre critico que, como Sylvio Roméro e Clovis Bevilacqua, dirige a moderna orientação litteraria do Brazil, sustentamos que o « ideal caboclo não é o ideal da nação », confirmando entretanto que as *Flores Sylvestres* do nosso caro mestre Bittencourt Sampaio, o *Calabar* de Agrario de Menezes, os *Quadros* de J. Serra, *A filha do Mestre-regio* de Sylvio Roméro *A Insulana* e as lendas de Franklin Doria e os *Cantos Populares* de Juvenal Galeno são mais brasileiros, representam melhor o sentir nacional, do que a finada *Confederação dos Tamoyos* e as phantasmagorias tupicas do auctor dos *Tymbiras*.

UYÁRAS

Se passamos as *Uyáras*, a *Caipora* e *A Mulata* para este livro, foi por ser n'elle e não nos *Contos do Equador* o seu verdadeiro lugar.

A isto nos conduzio a rubrica — Nacionalismo — pela primeira vez escripta na folha do rosto de um livro de versos publicado no Brazil

A ROMARIA DO BOM-DESPACHO

Toma, que te dou !

Nas dansas populares do norte—infallivel estribilho, que é acompanhado de lascivos requebros e termina em umbigada.

A ENDEMONINHADA

Na Bahia os casos de demonomania são frequentes; o sentimento supersticioso e a imitação constituem o elemento de contagio, de que resultam endemias.

Não temos noticia de que nas outras provincias a hysteria, a choréa-hystérica e a hystero-epilepsia se manifestem com tal intensidade e característica.

O Dr. João Severiano da Fonseca na sua *Viagem ao redor do Brazil*, obra grandiosa e de rara estimativa, fallando de nosologias locais, nada nos conta á respeito ; Barbosa Rodrigues menciona apenas a hysteria esporadica no Amazonas, curiosamente symptomatisada nas tapuyas pelo grito da cauan, que as doentes imitam por longo tempo e á perfeição.

O nosso primeiro romancista Franklin Tavora, que se tem occupado em passar para as fórmulas da arte a vida das populações do norte, calando-se em referencia ao assumpto, nos faz crer que nas demais provincias esta nevrose não apresenta physionomia especial, o que não succede na Bahia onde, até no quadro pathologico, a influencia dos padres e do africanismo patenteam-se incontestaveis.

A quem nos accusar pela estranheza do motivo poetico, responderemos que *A dança de S. Guido* de Rubens forneceu materia para uma lição de Charcot, lição em que o sabio alienista da Salpêtrière demonstrou epidemias da mesma natureza, produzidas pelo fanatismo da idade-média.

A Endemoninhada é uma scena de costumes e uma descripção de typos authenticos.

LES LEGENDES DES INDIENS

Devido ao eminente jornalista o Sr. Dr. Gusmão Lobo, ignorado mas importantissimo factor da Exposição Anthropologica Brazileira, que, como adiantamos em folhetins do *Globo*, foi o grande jubileo scientifico da America do Sul, este acontecimento tomou vulto no estrangeiro ; e emquanto os artigos da nossa modesta *Revista* iam sendo vertidos para varias linguas, um publicista illustre, Mr. E. Deleau, discutia com invejavel proficiencia assumptos novissimos e nos honrava com as traducções das nossas lendas americanas.

A Tapêra da Lua e *A Caiçora*, interpretadas por tão brilhante penna, foram transcriptas na *Litterature Populaire* de M. Jean Desplas e em diversas revistas e jornaes da França, da Belgica e da America latina.

Incluindo-as nos *Mythos e Poemas*, enriquecidas pelo colorido da expressão franceza e pelas elegancias do estylista admiravel, entendemos amortisar uma divida na qual se acha empenhado um contracto insolvel de gratidão.



INDICE

	Pag.
A lenda do Algodão.	7
O palacio da Mãe d'agua.	13
A Tapéra da Lua.	17
A lenda das Pedras Verdes	25
As Uyáras	29
A lenda da Abobora	33
A Luz dos afogados.	39
Noites do Equador.	43
Tempestade dos Tropicos.	53
A Endemoninhada	59
A Novena.	67
A romaria do Bom-Despacho.	71
A Rêde.	81
A Mulata.	85
A vespera de Reis.	91
Les légendes des indiens	107
Légende indienne du Nord.	113
Notas.	117

CORRIGENDA

Na pagina 65, o ultimo verso da 1.^a oitava, deve
lêr-se:

Tocam-lhe á nuca os pés!



ST/0413